

Entrevista com Milton Lahuerta: Intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização

Marcelo Fontenelle e Silva¹

357

A entrevista a seguir foi realizada com o professor Dr. Milton Lahuerta, em 25 de novembro de 2020. Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP – campus Araraquara) desde 1984, Lahuerta é mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (1981-1991) e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1994-1999). Tal qual o professor Dr. Marco Aurélio Nogueira, também entrevistado nesta edição da revista Agenda Política, Lahuerta é um intelectual com reconhecida atuação no espaço público, que teve sua trajetória marcada pela militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, também, pela atuação no ambiente universitário. Colaborou com diversos jornais, publicou livros, capítulos e artigos sobre a relação entre a política e os intelectuais, entre outros temas². Lahuerta, portanto, foi uma importante peça dos embates intelectuais que ocorreram entre fins da década de 1970 e início de 1990 e, também, um arguto analista das transformações que ocorreram nas condições de exercer o ofício intelectual no Brasil.

¹ Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos, integrante do Núcleo de Estudos dos Partidos Políticos Latino-Americanos (NEPPLA) e bolsista CAPES. E-mail: marcelofontenelle@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7084-3714>.

² Entre as suas principais publicações, podemos destacar: LAHUERTA, M. **Elitismo, autonomia, populismo - os intelectuais na transição dos anos 1940**. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, 2014.

Marcelo Fontenelle e Silva: Professor, eu lhe fiz esse convite em decorrência da pesquisa que venho desenvolvendo no doutorado e que teve sua participação no exame de qualificação. O objetivo é tratar do tema dos intelectuais comunistas, da corrente renovadora e dos eurocomunistas, com foco nas décadas de 1970 e 1980, passando mais especificamente pela sua trajetória. Eu gostaria que o senhor começasse contando um pouco sobre a sua configuração familiar, profissão e escolarização dos pais. Como foi esse ambiente do primeiro contato com o mundo dos livros?

358 **Milton Lahuerta:** Talvez seja interessante iniciar dizendo que sou um filho, um neto, da grande imigração do início do século XX. Geneticamente sou um espanhol, ainda que em termos culturais seja totalmente brasileiro. Meus quatro avós eram espanhóis. Sou um produto do proletariado imigrante que cresceu e viveu nos bairros subcentrais da cidade de São Paulo. Nasci na Mooca, onde morava quase toda a minha família materna. Minha mãe nasceu e cresceu no Brás, até casar com meu pai, quando se mudou para a Mooca. Já meu pai nasceu e morou sempre na Mooca, onde inclusive faleceu. Portanto, fui criado num ambiente profundamente comunitário, no qual os bairros ainda tinham uma vida própria, uma dinâmica de cidade de interior, em que quase todos se conheciam e muitos tinham relações de parentesco.

No que se refere à escolaridade e ao acesso à cultura, minha família não era escolarizada, ainda que a família do meu pai fosse mais organizada. Meu pai, filho de espanhóis de Zaragoza, nasceu em 1923 e sempre foi polido e educado, ainda que não tivesse escolaridade – ele não passou do quinto ano do primário e minha mãe só foi até o terceiro ano do primário. Ambos começaram a trabalhar muito cedo, por volta de 13 anos. Ela como tecelã e ele como marceneiro. Meu pai tornou-se alfaiate, depois de ter frustrada sua pretensão de tornar-se jogador de futebol. Ele era goleiro e chegou a jogar nos aspirantes do Esporte Clube Corinthians, que à época ainda não era um time profissional nos termos atuais.

Sou o primeiro de vários primos e primas, de vários netos da minha avó materna, que não só chega à faculdade, à universidade, mas consegue ingressar no que à

época se chamava de ginásio. Todos os meus primos e primas mais velhos fizeram apenas o curso primário, que equivaleria hoje à primeira metade do ensino fundamental. Fiz o exame de admissão, uma espécie de “vestibular” para crianças, no final de 1964, e fui aprovado em três colégios públicos. Essa aprovação seria o grande elemento de distinção em minha vida, já que a escola pública era uma referência muito forte e ingressar no ginásio significava uma grande conquista. Entre 1965 e 1968, faço o curso ginásial no Instituto Estadual “Antonio Firmino de Proença”, num momento em que a despeito da ruptura política de 1964, havia uma grande efervescência cultural em São Paulo. É quando percebo que poderia almejar algo além do que estava dado como horizonte para as outras pessoas de minha família.

359 Na minha casa não havia livros. Liam-se estórias em quadrinhos, os famosos gibis, mas não exatamente livros. Comecei a ter interesse pelos livros no primário, quando fui à biblioteca da escola, não sei exatamente por que razão, com oito ou nove anos, e tomei contato com as obras infantis de Monteiro Lobato. Essa descoberta foi extremamente importante, pois aguçou minha curiosidade sobre a realidade rural, com a qual não mantinha nenhum contato, e abriu a minha imaginação.

Mas, seja como for, iniciar o ginásio num colégio público conceituado e muito procurado, num contexto em que os efeitos do golpe militar começavam a ser sentidos, foi decisivo para o meu desenvolvimento posterior. Especialmente por ter conhecido pessoas que, ainda que vivessem na Mooca, no Brás ou nas imediações, não estavam focadas apenas na vida local. Eu mantinha uma relação mais intensa com a vida do bairro – por ter muitos parentes morando ali e por meu pai ser alfaiate e jogar futebol nos times locais – do que esses meus amigos. Mas havia mais recursos nas casas deles, materiais e simbólicos. Desde que nos conhecemos, no início do ginásio, passamos a nos reunir na casa do Milton Sogabe, um amigo, descendente de japoneses, artista plástico que deu aulas na FAAP e tornou-se professor de multimídia na UNESP e que foi um dos artistas plásticos que convidei para fazer a revista Presença nos anos 1980. O outro amigo, que é professor titular de geografia da USP ate hoje, o André Roberto Martin,

descendente de espanhóis, como eu. Essa experiência com eles, de certa maneira, definiu o meu interesse pela cultura, pela política e pela perspectiva de ser moderno, de não ficar prisioneiro de concepções tradicionais de família e de certas convenções sociais.

360 Digo isso para colocar outra dimensão importante: naquele momento estava ocorrendo uma grande mudança na televisão brasileira, em larga medida operada a partir de São Paulo, onde havia uma estrutura de TV mais avançada do que em outras partes do país. E uma dessas TVs era a TV Record. A TV Record, desde o início dos anos 1960, vivenciava um processo de modernização e crescimento, passando a se preocupar com o chamado público jovem e com o público infantil. E isso vai se expressando de vários modos, desde os programas voltados para as crianças, que eu obviamente assistia, mas principalmente a partir de 1964, com a criação de alguns programas, dirigidos à juventude, como, por exemplo, a Jovem Guarda. De certo modo, essa experiência vai operando entre jovens e adolescentes uma mudança de gosto musical que, no caso específico do meu grupo, coincide com o período do curso ginásial e sinaliza uma ampliação cultural. E isso coloca, inclusive, a abertura para que nós nos interessássemos desde os primeiros momentos pelos festivais da canção, nos quais a TV Record abria espaço para que jovens compositores, em sua maioria universitários, pudessem se iniciar na vida artística. Com os festivais, a Record buscava não mais o público adolescente, que era o da Jovem Guarda, mas o público universitário. Obviamente, toda essa movimentação cultural colocava-se para os adolescentes de São Paulo como uma espécie de descoberta de que o mundo era mais amplo que nossos bairros.

Essa relação com a televisão e com programas voltados para a juventude abriu um horizonte interessante porque começou a colocar para o meu grupo, além da perspectiva de sermos modernos, um conjunto mais amplo de preocupações. O próprio ambiente de restrição política e de radicalização ideológica nos levou a desenvolver uma sensibilidade para o que estava acontecendo no país. A realidade era apresentada de modo cada vez mais contundente pela nova música popular brasileira. Com isso, começamos a nos ligar nas músicas de protesto que, em larga medida, traziam o “Brasil de dentro”, o Brasil do sertão, o Brasil dos retirantes,

para o centro de uma estética revolucionarista e de combate, com forte acento nacionalista, como em Vandr ; no tropicalismo, com sua proposta de justaposi o entre atraso e moderno, misturando contracultura e “lunar do sertão”, de um lado, radicalizando a herança modernista, como o Caetano Veloso faz com a obra de Oswald de Andrade. Esse conjunto de referências foi abrindo outras possibilidades, outras perspectivas. De certa maneira,   desse modo que a gente vai viver aquele turbilhão do pós-64: influenciados pela Jovem Guarda, pelos Beatles, pelos Rolling Stones, pelos ecos da revolu o cubana, pelo guevarismo, pelas manifesta es estudantis e pelos festivais da can o. De certo modo, como era comum   época, fomos compondo uma mescla ing nuas entre o hippie e o revolucionário. Até porque estávamos crescendo em bairros subcentrais onde vicejavam o culto da malandragem e o uso de drogas.

361

Mas o que   interessante na experiência desse grupo específico?   que nós conseguimos nos preservar diante do risco de sermos tragados pela cultura estritamente bairrista ou pela perspectiva de neg -la pela via da ascensão social, como meio de superar a origem proletária. Exatamente por nos reunirmos cotidianamente num “ambiente livre e protegido”, na casa do Sogabe, pod mos manter um contato seletivo com a “cultura do bairro”, muito permeada pela questão da droga, ao mesmo tempo em que estudávamos, discut mos textos, conversávamos muito e ouv mos música de boa qualidade. Essa vivência foi nos dando uma grande autoestima. Sent mos-nos como uma espécie de “aristocracia do pedaço”, pois não éramos como os “caras” que só estavam na rua se chapando. Na nossa cabeça, tínhamos um *plus*, exatamente porque contávamos com um “lugar” onde pod mos cultivar a nossa sensibilidade, enfim.

Marcelo Fontenelle e Silva: Eu iria lhe perguntar quais os seus primeiros contatos com a política. Pelo que me parece, então, foi a partir de uma dimensão cultural.

Milton Lahuerta: Exatamente. Com a música e com a contracultura, que nos levaram ao encantamento com um ideal de juventude rebelde e despojada. Em 1968, com 14-15 anos, não participávamos das passeatas, mas, ouv mos   distância o barulho dos conflitos e acompanhávamos toda aquela correria no

centro da cidade, com um sentimento de medo e excitação. Medo que foi se tornando concreto à medida que alguns amigos mais velhos foram detidos e/ou apanharam da polícia. Essa materialização da violência repressiva nos causou profundo espanto, um verdadeiro choque! Nesse momento, nenhum de nós tinha militância, mas as circunstâncias – tanto as políticas quanto as pessoais e bairristas – reforçavam a adoção de uma postura crítica em relação ao que estava acontecendo no país.

362 Fazemos o Colegial entre 1969 e 1971, e, como todos os meus amigos de escola pública, filhos de imigrantes, japoneses, italianos, judeus, portugueses, sírios e espanhóis, ou seja, descendentes da imigração, somos orientados para seguir carreiras que poderiam trazer ascensão social. Meu pai tinha tido um aneurisma cerebral. Perdera a alfaiataria e ficara mais de um ano sem poder trabalhar, um mês e meio em coma, e seis meses em tratamento em casa, já que não tínhamos recursos para bancar hospital. Nesse contexto de perda do negócio da família, fui fazer o cursinho para o vestibular de medicina, em 1971, ainda durante o terceiro colegial. Foi exatamente nesse contexto de recrudescimento ditatorial que nosso grupo foi se politizando mais, o que levou a que alguns de nós revisássemos as escolhas. Meus dois amigos (André e o Milton) pretendiam fazer arquitetura, mas como eu, que pretendia fazer medicina, também acabaram mudando de opção depois de duas tentativas de passar no vestibular. O Sogabe acabou se tornando artista plástico e o André geógrafo. Com carreiras brilhantes nas suas áreas.

Neste período, fomos compreendendo a extensão da repressão ditatorial, acentuada de modo expressivo depois do AI5. Se num primeiro momento a repressão se concentra nos grupos ligados à luta armada, logo vai atingir setores que já procuravam se pautar por uma perspectiva de acumulação de forças em defesa da democratização do país, como o PCB. A primeira metade da década de 1970 é expressiva de um verdadeiro processo de devastação promovido pela ditadura com relação à esquerda. Meio que intuitivamente, vamos ampliando nossas discussões, inclusive com a incorporação de um pessoal um pouco mais novo, trazendo textos de sociologia, de crítica literária, de história, etc. Textos sobre o Brasil, sobre São Paulo, sobre os nossos bairros que viviam um processo de

deterioração urbana³, sobre comunismo, ou seja, textos que tratavam de temas aos quais não tínhamos tido acesso nem no Colegial, nem no cursinho.

Depois de duas tentativas frustradas de ingressar em medicina, em 1973, comecei a trabalhar em uma multinacional, a Johnson & Johnson do Brasil, cuja sede lá ficava na Mooca. Durante esse ano, eu e o André, nos reuníamos todas as noites para estudar para prestar o vestibular no fim do ano na USP, para Ciências Sociais e Geografia.

363 E assim, chegamos à Universidade de São Paulo, em 1974. Nesse momento, mantínhamos vínculo, no bairro, com velhos militantes de base do PCB. Principalmente, com alguns alfaiates que nos “passavam” o jornal *Voz Operária*, que discutíamos na casa do Sogabe. Ou seja, chegamos à universidade sem repertório teórico e sem militância orgânica, mas já com uma sincera convicção de que éramos de esquerda, de que éramos comunistas e que nos vincularíamos ao PCB na universidade. Quando a gente chega, com o que vamos nos defrontar? Com prisões em massa na universidade. O início de 1974 significou uma grande onda repressiva com uma monumental sequência de prisões no país todo – de sindicalistas, de militantes de bairro, de jornalistas e também de um número expressivo de estudantes, inclusive da USP.

Como resposta à repressão, foi criado o Comitê de Defesa dos Presos Políticos. Faziam-se reuniões nos “Barracões”, onde ficavam os cursos de Ciências Sociais e Filosofia, na FAU, no prédio da História e Geografia. No essencial, além dos estudantes da USP, aparecia um ou outro dirigente sindical ligado à pastoral operária, alguns parlamentares, como Lysâneas Maciel e Freitas Nobre, além de Alberto Goldman e Marcelo Gato, que eram do Partido Comunista – Lysâneas não era. Eram todos do MDB. Essa primeira experiência, logo quando do ingresso na USP, seria muito impactante. Afinal, em vez de encontrar a geração anterior de

³ Nota do entrevistado: Desde 1971, o Milton Sogabe vinha fazendo um trabalho de fotografias e desenhos no qual retratava o Brás sendo demolido. O André Roberto Martin, por sua vez, faria uma dissertação de mestrado na Geografia da USP, alguns anos depois, cujo título era “O Brás e a deterioração urbana”, e que tinha como capa um desenho do Sogabe. Ou seja, a identidade “bairrista”, que poderia nos limitar, acabou nos conectando à cultura e à luta mais geral pela democracia, permitindo-nos transcender as circunstâncias limitadoras.

militantes vinculada ao PCB, que de certa maneira nos integraria ao ambiente universitário, nos defrontamos com prisões. Portanto, durante os primeiros anos de curso (1974 a 1977) não havia PCB organizado na USP. As prisões de 1974⁴ e 1975 teriam um efeito muito negativo na organização do partido no meio universitário. Não à toa, nesse momento, surgem várias tendências de esquerda no meio estudantil, como a LIBELU, que reunia os trotskistas; a Caminhando, mais ligada ao pessoal do PCdoB; e a Refazendo, que tinha como referência a Ação Popular. Mas, ainda que o PCB como organização estivesse bastante debilitado, ele prosseguia sendo a principal referência para um grande grupo que – como nós – estava definindo sua posição política e sua identidade de classe pela relação com militantes comunistas mais antigos, que resistiam nos bairros de extração operária e popular.

Marcelo Fontenelle e Silva: Ou seja, você ainda não mantinha um vínculo orgânico?

364 **Milton Lahuerta:** Tinha vínculos, mas não orgânicos. De um lado, porque as prisões haviam impactado a organização do PCB; de outro, porque durante dois anos e meio de faculdade, trabalhei em tempo integral em empresas multinacionais, o que dificultava uma inserção mais orgânica. Primeiramente na Johnson & Johnson, cuja sede ficava perto de minha casa na Mooca. Mas, desde o final de 1974, quando vou trabalhar na Phillips, onde fico por dois anos, passei a ter que me deslocar de ônibus. Saía de casa antes das 6:00 horas para conseguir chegar ao trabalho antes das 08:00 horas. Então, era meio complicado, pois, eu ia direto do serviço para a USP, onde fazia o curso noturno. Só ia conseguir jantar e tomar banho quando chegava em casa, por volta das 23:00 horas, dependendo do horário que terminavam as atividades.

Por isso, durante os dois anos iniciais de curso, não me sentia integrado ao ambiente das Ciências Sociais. Faltavam-me, para lidar bem com as disciplinas e teorias, tanto um repertório cultural mais denso quanto o tempo para estudar e me

⁴ Dentre os mortos do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, estavam David Capistrano da Costa, João Massena Melo, Walter Ribeiro e Luís Ignácio Maranhão Filho. Eles foram sequestrados entre março e abril de 1974 e seus corpos nunca foram encontrados.

aprimorar. Por muito pouco não larguei o curso logo no primeiro semestre de 1974, só não o fiz porque estava gostando daquela vivência, mesmo com todas as dificuldades.

Assim me mantive no curso, mas sem convicção, pois não conseguia concatenar muito bem as exigências das várias disciplinas com o tempo escasso. No fundo, vivia um grande conflito, pois era de esquerda, mas trabalhava numa empresa multinacional, que não me permitia concretizar direito a perspectiva de fazer ciências sociais. Tudo o que eu queria era conseguir um estágio, uma possibilidade qualquer, que me permitisse deixar de trabalhar em período integral.

365 Nesse clima de dúvida, no primeiro semestre de 1976, faço uma disciplina com o Francisco Weffort e o José Álvaro Moisés, que tinha na bibliografia o Antonio Gramsci. E leio exatamente *Os intelectuais e a organização da cultura*, que acaba sendo uma referência fundamental em minha trajetória intelectual, funcionando quase que como um rito de passagem. Até então, eu vivia um dilema profundo: “será que eu tenho vocação para isso, será que vou me tornar um cientista social? Leio esses autores todos e não entendo o que liga uma coisa com outra. Sou comunista, quero fazer alguma coisa politicamente”.

Nessa época, estávamos organizando o MDB da Mooca, junto com o pessoal do bairro, articulando inclusive ações com lideranças comunitárias da Favela da Vila Prudente. E aí inicio a leitura do Gramsci numa noite quando chego da faculdade, meio que para ter uma ideia do texto e dormir, e não consigo parar! Naquela noite, não dormi, tamanho o impacto que a leitura me provocou. Fui trabalhar sem dormir, porque adorei o livro. E comecei a pensar: “é isso que quero ser, um intelectual”. Ou seja, a perspectiva de pensar toda a formação social a partir da questão dos intelectuais foi o catalizador que me faltava para estabelecer as mediações entre correntes de pensamento e problemas, que pareciam desconexos até então. Foi especialmente auspicioso, quase uma “revelação”, descobrir um marxista e militante comunista que pensava os intelectuais com um horizonte mais alargado, com foco nas relações entre cultura e política. Nesses termos, ele não restringia o conceito exclusivamente às pessoas de grande cultura, aos professores

universitários ou aos literatos, mas fundamentalmente pensava os intelectuais como organizadores da cultura. Essa leitura significou uma chave não só para a construção de meu perfil como cientista social, marcado pela perspectiva de ser um intelectual, mas também para definir a identidade coletiva de nosso grupo no bairro, que havia crescido, levando mais gente para os cursos de humanas da USP. De 1974 a 1978, pelo menos 10 pessoas de nosso grupo da Mooca ingressam na FFLCH, dentre elas, Angelo Del Vecchio, que ingressa em 1975 nas Ciências Sociais e também faz carreira acadêmica na área de Ciência Política, tendo inclusive se tornado professor da UNESP nos anos 1990. Refiro-me a ele pelo papel intenso que teve na organização do MDB (e do PCB) na Mooca. E também por compor o grupo que fazia a revista *Presença*, anos mais tarde.

366

Exatamente nessa mesma época, faço amizade com o Raul Matheos Castells, que era dono de uma livraria de Ciências Humanas no centro da cidade, mas mantinha uma banca nos Barracos – que até muito pouco tempo prosseguia na FFLCH-USP – na qual atendia aos estudantes da faculdade. Raul, que era espanhol, tinha uma boa base cultural, e foi fundamental para que eu começasse a montar minha biblioteca pessoal. Desde o primeiro ano de faculdade, passamos a conversar sobre livros, sobre política e sobre a vida. Ele ficava fascinado com as histórias que eu lhe contava sobre a Mooca e o Brás, e me orientava sobre os livros que valia mais a pena adquirir. Raul e sua esposa, a Teresinha, mantinham o empreendimento e, durante a semana, ela cuidava da livraria do centro da cidade, enquanto ele trabalhava na banca da FFLCH.

Logo no início de 1977, o Raul fala para mim: “A livraria está se tornando editora, vamos publicar livros marxistas e também lançar uma revista, fale com os seus amigos, comprem os livros e a revista, vai ser interessante!”. E eu digo: “Que revista é essa?”. Era a *Revista Temas de Ciências Humanas*. “Se você quiser ajudar a gente, vai ser bom!”. E eu digo: “vamos nessa!”. Raul importava muitos livros e havia conseguido uma representação do Grijalbo no Brasil, com a qual iniciou sua atividade editorial.

Insisto: não havia PCB organizado na USP. Mas, era claro que o Raul mantinha vínculos com o Partido Comunista, inclusive com o grupo de intelectuais que atuava na Escola Livre de Sociologia e Política, onde ele havia estudado. A revista que estava sendo criada – a *Temas* – se propunha explicitamente a ser uma revista marxista, que pretendia combater o que seus criadores consideravam ser o ecletismo da Escola Paulista de Sociologia, especialmente do Florestan Fernandes. Então, o projeto (como o Gildo Marçal Brandão gostava de acentuar) propunha-se a fazer uma “revista de posição” para travar o embate ideológico no plano teórico. Não havia nenhuma revista, à época, que se assumisse como marxista e reivindicasse a tradição comunista do país. Claro que com os cuidados que a situação exigia. Ela tinha como editores, além do próprio Raul, o Nelson Werneck Sodré, que era general e conhecido historiador do PCB; o José Chasin, que se destacara como militante do PCB e estudante de filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Maria Antônia, entre 1960 e 1964, e era visto como alguém que poderia fazer algo teoricamente relevante. Porém, depois de 1964 ele se afasta da militância e da Faculdade, e vai trabalhar na Bayer, onde inclusive torna-se um executivo bem sucedido. E que volta a militar e a dar aulas no início dos anos 1970 na Escola Livre de Sociologia e Política. E ali vai se articular um grupo: o Raul, que fazia a Escola Livre de Sociologia; o Marco Aurélio Nogueira, que tinha feito a Escola e começa a dar aula lá; o Gildo Marçal Brandão, que vinha de Alagoas, que tinha estudado no Recife, inclusive ele tinha uma relação com o Padre Vaz, que era um hegeliano, com uma leitura católica, mas de esquerda, ele vem para a USP fazer, na época, o mestrado, com o Paulo Arantes, sobre Hegel.

Bom, esses personagens, junto com o Raul e o Reinaldo Xavier Carneiro Pessoa, constituem um projeto editorial ambicioso que tinha na revista *Temas* o seu carro chefe. Já no número de lançamento da revista, eles publicam o texto do Gramsci sobre a Questão Meridional⁵. E isso me leva a uma aproximação, e não somente a mim, mas de alguns amigos que eu tinha consolidado na USP – além do André, de quem já falei, o Antônio Carlos Robert Moraes, que fazia ciências sociais também, mas fazia geografia e se torna um grande geógrafo, da renovação da geografia; o

⁵ GRAMSCI, A. Alguns temas sobre a questão meridional. **Temas de Ciências Humanas**, V. 1, Editorial Grijalbo, São Paulo, 1977.

Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos
Volume 9, Número 1, p. 357-393, janeiro-abril, 2021
<https://doi.org/10.31990/agenda.2021.1.13>

Wanderley Messias da Costa, que também fazia geografia na USP; e o Armando Correa da Silva, que era professor da Geografia, e havia feito Ciências Sociais na USP, no início dos anos 1960, e que militava junto com o Chasin à época no PCB. Armando vinha fazendo um esforço pela renovação da Geografia, ao qual se agregaram o Tônico, o Wanderley e o André, que seriam seus orientandos depois. À época, Armando estava traduzindo o livro de David Harvey, que seria publicado pela editora Hucitec. De certo modo, em torno de *Temas* se agrupou a memória intelectual do PCB em São Paulo e na USP no pré 1964 com uma nova geração que ainda estava concluindo o curso de graduação.

368 Qual era a nossa questão? Nós ajudávamos no movimento estudantil, tínhamos presença no movimento estudantil. Mas tínhamos clareza que não era ali que deveríamos atuar, mas sim no âmbito intelectual, com foco na questão do método. *Temas* havia nascido com uma marca lukacsiana, que enfatizava a ideia de que, quando se trata do marxismo, a questão da ortodoxia não significa dogmatismo, mas fundamentalmente fidelidade ao método. A perspectiva lukacsiana de que o marxismo é uma concepção de mundo que se basta a si mesma, de que não é necessário incorporar elementos de outras vertentes de pensamento, era reivindicada como um critério definidor de um projeto de renovação do marxismo, que pretendia trazer elementos novos para realizar uma interpretação do Brasil, focada na apreensão da particularidade de nosso desenvolvimento. Exatamente por isso, logo nos primeiros números de *Temas* o Marco Aurélio escreve dois textos muito duros, um contra Weber e outro contra Florestan Fernandes, questionando justamente o ecletismo⁶. Se havia algo ofensivo, à época, para um marxista com esta perspectiva, era o ecletismo, por sua concessão a vertentes filosóficas ou sociológicas que não seriam compatíveis com o materialismo histórico.

De certo modo, o contato com o grupo de *Temas* reforçou preocupações que já vinham nos inquietando: de um lado, a ênfase no rigor metodológico, que já era forte na cultura da FFLCH, e a perspectiva de ser um militante que não se diluísse

⁶ NOGUEIRA, M. A. Anotações preliminares para uma história crítica da sociologia. In.: **Temas de Ciências Humanas**, Volume 3, Livraria Editora de Ciências Humanas, São Paulo, 1978.

Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos
Volume 9, Número 1, p. 357-393, janeiro-abril, 2021

<https://doi.org/10.31990/agenda.2021.1.13>

no ativismo, mas que travasse o embate intelectual e teórico; de outro, a necessidade de resgatar o papel do PCB na trajetória da sociedade brasileira e de enfrentar a chamada “teoria do populismo”. Afinal, nós estávamos no centro desta formulação – a FFLCH –, que, com os trabalhos de Weffort e Ianni, tanto contribuíra para que setores da esquerda descartassem não só a tradição nacionalista como o próprio PCB.

Desde 1976, mantínhamos um grupo de estudos sobre o Capital de Marx, no qual também discutíamos textos sobre a industrialização em São Paulo. Nesse contexto, já havíamos lido o texto de Weffort (Origens do Sindicalismo Populista⁷), no qual ele faz uma crítica muito dura à atuação do PCB na conjuntura de 1945, dizendo que aquele era um momento de encruzilhada histórica e que se o partido tivesse tido vontade seria possível mudar o rumo da história brasileira, romper com o passado, romper com o populismo. No fundo, nesse texto afirmava-se uma posição que não apenas propunha a ruptura com o Vargasismo, mas também com o PCB, apontando para a necessidade de um novo ator político para representar a classe operária, que não fizesse concessões ao corporativismo e à colaboração de classes. As preocupações do grupo de *Temas* tinham uma enorme afinidade eletiva com as nossas.

É dessa época a publicação do livro de Carlos Guilherme Mota, *A ideologia da cultura brasileira*⁸, no qual ele desanca a tradição nacionalista e os intelectuais do PCB, e que vai ser duramente criticado por Nelson Werneck Sodré na *Temas*, num artigo intitulado *Um travesti impune*.

Nesse contexto, outra referência fundamental foi a publica o, também na *Temas*, de um texto do Astrojildo Pereira sobre a intelectualidade do país, escrito em 1944, no contexto da crise do Estado Novo. O Astrojildo (sobre quem eu não sabia nada, são fui saber a partir deste contato) havia sido fundador do PCB e apresentava uma visão sobre os intelectuais que ca a como uma luva na perspectiva que estávamos

⁷ WEFFORT, F. Origens do sindicalismo populista no Brasil (a conjuntura do após guerra). In.: **Estudos Cebrap**, 4, 1973.

⁸ MOTA, C. G.. **Ideologia da cultura brasileira**: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Atica, 1977

tentando elaborar a partir de Gramsci. Nesse texto, havia uma posição distante da dogmática stalinista, tão forte nos anos 1940-50, que buscava resgatar na história brasileira uma espécie de fio vermelho, expressivo de uma tradição progressista, para afirmar uma posição que chamava os intelectuais para uma grande obra pública de democratização da cultura.

Esse texto do Astrojildo concretizava a leitura que estávamos fazendo de Gramsci sobre os intelectuais como organizadores da cultura. Leitura que estava levando-nos a redimensionar a militância no bairro. No fundo, até nos vincularmos formalmente ao PCB na universidade, no primeiro semestre de 1978, a nossa atuação se dava, de um lado, no Bairro, no MDB, onde fazíamos política, fazíamos campanha, construíamos diretórios e, ao mesmo tempo, organizávamos a base do PCB e estimulávamos que o pessoal mais jovem viesse para a universidade. Na atuação no bairro, alimentávamos a perspectiva de ter uma intervenção intelectual, que não se restringisse ao ativismo estudantil pura e simplesmente. Tínhamos horror à ideia do “tarefeiro”.

370

Nesse momento, definiram-se os eixos principais que norteariam a minha vida acadêmica: a questão dos intelectuais como decisiva para pensar o capitalismo e sua reprodução, a preocupação com o rigor metodológico, o interesse pela tradição progressista do país, a atenção especial ao tema da organização da cultura, as relações entre política e cultura, etc.

Marcelo Fontenelle e Silva: Como se dá a passagem dessa identificação intelectual e teórica com o PCB para um vínculo mais orgânico?

Milton Lahuerta: Ao longo de 1977, depois de absorver o impacto das prisões e mortes de seus quadros, o PCB começa a se reorganizar em São Paulo, tendo por base algumas figuras e algumas instituições. De um lado, a figura chave, nesta reestruturação, é o David Capistrano Filho, que era médico. Também nordestino, amigo do Gildo desde o Recife. Por essa amizade, vai haver uma ponte com este grupo de intelectuais. A Escola Livre de Sociologia e Política é um polo de articulação. Os jornalistas compõem outro polo, inclusive em virtude da morte de

Vladimir Herzog, em 1975. O David, que era médico e articula os médicos, outro. Da mesma maneira, a velha guarda do partido vai sendo recomposta nos bairros. No movimento sindical, o partido passa a atuar através da Oboré, que era uma empresa jornalística criada pelo Sérgio Gomes (que prossegue em plena forma até hoje, fazendo um jornalismo muito potente), juntamente com o seu grande amigo e colega, desde a graduação na ECA, Laerte, a cartunista. Vários estudantes da ECA e/ou jovens jornalistas haviam sido presos em 1974-1975, sendo que alguns tinham sido torturados. O Sérgio Gomes, o Vicente Dianezi, o Paulo Markun, o Marcelo Bairão. O grupo da ECA. O Sérgio cria a Oboré, que passa a ter um papel importante na reorganização do movimento sindical, porque fazia um jornalismo criativo voltado para esse público – Laerte fazia ilustrações para esses jornais.

371

Então, esse circuito começa a se estruturar. E o David mantinha relação com quadros de outros estados. Entre eles, o Luiz Werneck Vianna. Werneck tinha estado em São Paulo desde o início dos anos 1970. Ele havia sido preso no fim dos anos 1960, no Rio de Janeiro, quando ele já era casado, já tinha filhos, e começava a fazer o mestrado. Ele vem fazer um doutorado em São Paulo meio que fugido da polícia. O Weffort o acolhe, torna-se o orientador dele. Werneck era amigo de um outro personagem interessante, que foi meu professor na USP, o Carlos Estevam Martins. Carlos foi um dos criadores do CPC⁹, junto com Oduvaldo Viana Filho. Ele e Werneck eram muito amigos. Werneck também era amigo do Vianninha, que morre em meados dos anos 1970. E Werneck vem para São Paulo. Nessa vinda para São Paulo, além de fazer o doutorado na USP, ele dá aula na Escola Livre de Sociologia e Política, em alguns momentos. Mas, ele não tinha muita afinidade com o grupo que viria a fazer *Temas*. Isso se devia a um estilo intelectual distinto, com mais atenção à política e à correlação de forças, do que às questões doutrinárias. Werneck sempre tivera muitas reservas a Lukács. Anos mais tarde, perguntado sobre isso, respondeu-me: “Lukács não tem política, aquilo ali é um verdadeiro muro, você olha e não vê nada, só vê um breu. Não dá! Eu sou um cara da política, quero encontrar a passagem. Sou leninista, quero a ação. Não dá para ficar só nessa discussão em torno do método. É claro que para ser marxista é preciso ser metodologicamente bem fundado, mas isso não funciona por si”.

⁹ Referência ao Centro Popular de Cultura, da UNE, criado em 1962, no Rio de Janeiro.

Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos
Volume 9, Número 1, p. 357-393, janeiro-abril, 2021

<https://doi.org/10.31990/agenda.2021.1.13>

O Werneck começa a circular pelo ambiente paulistano no início dos anos 1970 e vai também trabalhar no CEBRAP, onde tem papel relevante – isso eu vou saber só depois – no debate que se trava com relação ao texto do Weffort (*Origens do sindicalismo populista*) e à crítica feita a ele por Maria Hermínia Tavares de Almeida e Carlos Estevam Martins. Werneck participa nos debates, trazendo a leitura de Gramsci para iluminar as discussões. Num certo sentido, estimula sua leitura no ambiente do CEBRAP, entre 1972-1974. Então, muito do que, à época, o Fernando Henrique e o Weffort leram de Gramsci também foi estimulado pelo Werneck, que era um comunista.

372

Digo isso para destacar que, mesmo com a repressão ditatorial, há coisas acontecendo na capital paulista, o que cria as condições para que em São Paulo acabasse se articulando o núcleo intelectual mais ativo do PCB no país inteiro. É interessante porque, diferentemente de outros estados, mesmo do Rio de Janeiro, neste grupo que se articula em São Paulo para reconstruir o partido depois das quedas de 1974-75, os intelectuais jovens, como Marco Aurélio e Gildo, têm um papel extremamente importante. E nós chegamos à discussão política e intelectual exatamente neste contexto em que o Partido estava se reorganizando. O Comitê Central estava no exterior, havia uma assessoria do Comitê Central em Paris, articulada pelo Armênio Guedes, da qual faziam parte Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Ivan Ribeiro, Aloysio Nunes Ferreira Filho e vários outros, que eram intelectuais e influenciavam o Comitê Central. O Antônio Carlos Peixoto também estava lá. Mas, em São Paulo, o núcleo que estava dando vida, do ponto de vista intelectual, à reconstrução do PCB, era esse núcleo que passava pela *Revista Temas*, pela livraria Editora de Ciências Humanas e, de certa maneira, pela Escola Livre de Sociologia e pela FFLCH, com a gente, com a juventude que estava chegando.

Marcelo Fontenelle e Silva: Uma das questões que eu gostaria de trazer era justamente sobre a relação que esse grupo em São Paulo, esse grupo de jovens intelectuais, mantinha com intelectuais que estavam no exílio. Lá, inclusive, eles chegaram a publicar a revista *Études Brésiliennes*. Havia vários outros intelectuais,

que depois viraram referência. Eu gostaria de entender melhor como acontecia essa relação (ou, se acontecia), o trânsito de publicações.

373 **Milton Lahuerta:** acontecia, pela *Revista Temas*. Mesmo com as limitações e dificuldades próprias à época, *Temas* foi ganhando espaço no ambiente militante e acadêmico de São Paulo, com repercussões em grupos intelectuais de outros estados. De tal forma que vai se tornando um importante espaço de referência teórica do debate marxista de então (talvez o único, entre 1976 e 1981). De tal forma que teorias, temas e autores vão entrando na vida de uma nova geração e se tornam parte de seu léxico cotidiano. Ainda que esteja falando de meu grupo específico, havia outros grupos de jovens com veleidades intelectuais que também liam e discutiam os artigos de *Temas*. Um grupo grande de egressos e estudantes da Escola Livre de Sociologia, que se organizavam no Grupo Praxis e que mantinham uma relação reverencial com o José Chasin. No curso de História da USP, um grupo também ligado ao PCB (José Antonio Segatto, José Geraldo Couto, Alberto Aggio, entre outros), organiza a AUPHIB [Associação dos Universitários para a Pesquisa em História do Brasil] e passa a publicar uma revista, editada pela Brasiliense. Todos esses grupos, de um modo ou de outro, estavam estabelecendo vínculos orgânicos com o PCB, e por isso mesmo tomava-se muito cuidado para não se expor como comunista publicamente.

Pela revista *Temas* essa geração toma contato com as ideias do Leandro Konder, do Carlos Nelson Coutinho. Começamos a ter a abertura para este grupo que estava no exílio, que fazia a revista *Études Brésiliennes*. O Marco Aurélio Nogueira e o Gildo Marçal Brandão tinham contato, com correspondência sistemática, principalmente o Marco. Nós, os mais jovens, não. Mas, recebíamos a revista por eles, líamos e discutíamos os artigos. Começamos a tomar contato com este núcleo que estava no exterior, do qual, inclusive, fazia parte também o Ivan Ribeiro, que é um personagem intelectual muito interessante, que morreu em um acidente junto com o, à época, ministro da Reforma Agrária, Marcos Freire, logo no início da Nova República. O Ivan era especialista em questão agrária. O pai dele, Ivan de Otero Ribeiro, era um antigo tenente, aviador, que foi do Partido desde sempre e que lutou na Guerra Civil espanhola. Ivan, em 1964, sai do Brasil e vai estudar

economia na Polônia. Por essa formação, ele torna-se um dos primeiros intelectuais brasileiros a utilizar a categoria de via prussiana para pensar o Brasil. Ele também fazia parte deste grupo do exílio – eu só vou conhecê-lo depois. Mas, nessa hora, entre 1977 e 1979, tudo isso está muito fragmentado, está tudo meio solto. A conjuntura começa a mudar com a eleição de 1978.

374 Em termos intelectuais, a experiência de *Temas*, sem dúvida, cumpriu um papel de agregar um conjunto de intelectuais que estavam dispersos, ao mesmo tempo em que abriu a vários grupos de estudantes, que tinham veleidades teóricas, a possibilidade de ter contato de forma crítica e rigorosa tanto com o pensamento marxista quanto com a tradição comunista brasileira. Não obstante essa dimensão positivamente civilizatória, nessa experiência editorial houve também muito conflito. A princípio, o lukacsianismo e a preocupação de elaborar um marxismo metodologicamente bem fundado uniram um vasto espectro intelectual. Afinal, o Chasin, o Carlos Nelson, o Leandro, o Marco Aurélio, o Gildo, eram todos lukacsianos, mas com o passar do tempo foi ficando claro que havia diferenças entre eles, especialmente com o Chasin, que em nome da ortodoxia, alia-se mais adiante com Prestes. O ponto de inflexão vai ser a incorporação de Gramsci de modo cada vez mais explícito, por praticamente todos, que passam a ser vistos pelos “ortodoxos” como reformistas. No grupo de *Temas*, Chasin radicaliza nessa posição e, a despeito da diversidade do grupo que compunha o Conselho de Redação, vai ficando cada vez mais isolado, até romper com o Conselho e passar a fazer uma nova revista.

As diferenças teóricas tornam-se mais explícitas e vão repercutir na luta interna do PCB e em toda a esquerda, quando o Carlos Nelson Coutinho lança o texto *A Democracia como Valor Universal*¹⁰. Com o texto, de certa maneira, ocorre uma explicitação de posições. Ou seja, o texto funcionou como um catalizador que proporcionou uma mudança de qualidade no debate da esquerda sobre a questão da democracia.

¹⁰COUTINHO, C. N. A democracia como valor universal. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 9, 1979.

Marcelo Fontenelle e Silva: Gostaria de entrar agora nas disputas que aconteceram neste período, quando se contrapuseram o chamado centro pragmático, a corrente renovadora e os prestistas. Essa disputa acontecia, principalmente, no exílio, mas também chegava aqui em São Paulo? Como isso acontecia?

375 **Milton Lahuerta:** Sim, ela chega a São Paulo. Entre 1978 e 1979, já era claro, mas não exatamente nesses termos que depois vão definir como a corrente renovadora, o centro pragmático e os prestistas. Num certo sentido, grande parte dos que estavam chegando ao PCB se via identificava como renovadores. Era toda uma nova geração que estava chegando ao mundo intelectual e à militância comunista com a perspectiva de ser marxista, mas não dogmático, com a firme convicção de que era preciso renovar o PCB e de que isso exigia se abrir para ideias novas, enfim. Por isso, quando Carlos Nelson lança o texto *A Democracia como Valor Universal*, foi como se ele houvesse traduzido o sentimento de muita gente e reforçado ainda mais o movimento renovador. Nesse momento em São Paulo, reforçam-se os vínculos entre o grupo do David (dos médicos), o grupo de *Temas*, o grupo da Oboré, o grupo dos jornalistas, etc. Ganha força uma identidade coletiva, partidária. Estou falando de São Paulo, mas, ainda que numa escala menor, algo parecido também acontece no Rio de Janeiro e em outras capitais. O Werneck, até pelo fato de ter vínculos profissionais em São Paulo (ele dava aula na UNICAMP) e no Rio (no IUPERJ) vai ter um papel decisivo nesse movimento. É essa demanda difusa de renovação que leva à criação do [jornal] *Voz da Unidade*. Mas, ainda não está claro este embate que depois vai ser caracterizado a partir dessas ideias de centro pragmático, corrente renovadora e prestistas. É algo que vai se por no processo. Neste momento, desenvolve-se um forte sentimento de partido e uma grande unidade de propósitos em torno da perspectiva de criar um jornal, que vai nascer de 1979 para 1980.

E, nesta hora, eu vou viver essa dimensão muito intensamente, porque o grupo do Chasin, que chamava “grupo Práxis”, de certa maneira, eu fui obrigado a conviver com eles intensamente, já desde o ano de 1978, mas principalmente em 1979. O

Chasin lança o livro dele no início de 1978, *O Integralismo de Plínio Salgado*¹¹. Neste momento, ele já rompido com o Marco Aurélio, estava quase rompido com o Gildo e cada vez mais distante do Raul. A *Temas* estava começando a entrar em crise. Eu o convido para debater na USP, o seu livro. Quase que eu apanho do pessoal do Centro Acadêmico, que dizia que eles eram stalinistas... eu tive que quase brigar, literalmente, com os caras.

Aí, o que que acontece? O Chasin vem, faz a palestra em um clima pesado, refletindo a tensão com o pessoal do Centro Acadêmico e a dinâmica convulsionada com o pessoal da *Temas*. E aí, depois, os discípulos dele acharam que tinha sido ruim, porque as pessoas estavam hostis. Começou a se explicitar que tinham problemas.

376

E isso fica evidente em 1979, quando começo a dar aula na PUC. Eu fiz um concurso no final de 1978, tinha acabado de me formar, entrei pra dar aula na PUC, e na PUC eu me encontro com três discípulos do Chasin que estavam dando aula no mesmo esquema que eu, que era o ciclo básico. Um já há mais tempo, e dois ingressantes no mesmo concurso que eu. E, lá, se começa a organizar a base do Partido Comunista, com outras pessoas que estavam na PUC. O resultado é o seguinte: ali vai ficando claro isso que você está perguntando, a luta interna vai se impondo. Ainda não nestes termos que estamos falando aqui – prestistas, corrente renovadora e centro pragmático -, mas a luta interna vai se impondo. E eles jogam muito baixo, pois tinham quatro pessoas da base. Eu, Benauro, o Beno (já falecido, tinha sido preso em 1964 e era estudante de história, já mais velho que eu) e um professor de economia que está na PUC até hoje, nós compúnhamos a base. E havia um monte de gente querendo ingressar na base do partido, naquela hora. E eles bloqueavam tudo. Isso é na época da criação do PT. E no movimento sindical estávamos num embate com o pessoal que iria criar o PT. Mas, justamente numa hora em que precisávamos de grande política, os defensores da ortodoxia nos levaram a um debate doutrinário. Isso estabelece um conflito entre nós, na PUC de São Paulo, muito grande. Qual era a discussão? No fundo, no fundo, remetia às

¹¹ CHASIN, J. **O integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo, Ciências Humanas, 1978.

Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos
Volume 9, Número 1, p. 357-393, janeiro-abril, 2021

<https://doi.org/10.31990/agenda.2021.1.13>

referências teóricas, no caso, a Lukács. Para esse grupo, nós os “eurocomunistas”, seguidores da ideia abstrata da “democracia como valor universal”, estávamos nos tornando politicistas, ecléticos, uma vez que, incorporando Gramsci, perdíamos de vista a ortodoxia marxista. Enfim, toda essa leitura que remetia à reivindicação de ortodoxia e que recusava a política democrática e que leva a um racha desse pessoal com a direção estadual do PCB e à adesão a Prestes. Com a saída dos 4 da base da PUC, passamos rapidamente de 3 para 25 membros.

377 O Comitê dos Professores do Estado de São Paulo passa a reunir cada vez mais gente e chega a cerca 130 professores, de todos os níveis de ensino, mas com forte presença de docentes das universidades públicas e privadas. Durante cerca de 3 anos, atuo como Secretário Político do Comitê dos Professores e mantenho uma relação sistemática com o Comitê Estadual, sempre com a perspectiva de colocar no centro de nossas preocupações a questão dos intelectuais. Entre os quadros intelectuais que atuavam no Comitê dos Professores do PCB estavam, entre tantos outros, João Quartim de Moraes, Wilma Peres Costa, Braz José de Araújo, Waldir Quadros, Antonio Carlos Robert Moraes, Wanderley Messias da Costa, Geraldo Di Giovanni, Benauro Roberto de Oliveira, Alberto Aggio, José Carlos Estevão, Roxane Rojo, Carlos Américo Pacheco, Carlos Henrique Brito Cruz, Evaldo Sintoni, Claudia Izique.

Então, é todo esse compósito que vai se reunir no jornal *Voz da Unidade*. A *Voz da Unidade*, no primeiro momento, é um jornal extremamente plural, do ponto de vista das posições que existiam no partido. Mas a luta interna começa a fervilhar e, com a chegada do Comitê Central, se torna cada vez mais destrutiva. Em São Paulo, o grupo do Chasin, por exemplo, que era extremamente zeloso do método, vai acabar se aproximando do Prestes, em nome da ortodoxia e da crítica à tese da democracia como valor universal. Os renovadores – os intelectuais, os médicos, os jornalistas, os professores, o grupo da Oboré – reúnem-se em torno das figuras de David Capistrano e de Armênio Guedes.

Mas, no primeiro momento as coisas não são claras, explicitando uma ruptura. Inclusive, quando chega o Comitê Central eu vou para o Rio receber Prestes.

Quando outros dirigentes desembarcam em São Paulo, há uma grande confraternização de todas as correntes do partido para recebê-los no aeroporto de Congonhas, com a realização de um ato no sindicato dos aeroviários. Estavam chegando o Givaldo Siqueira, o Hércules Correa, o Tenorinho. Ou seja, ainda havia um espírito de partido. Mas a partir da chegada do Prestes – acho que em 1980, não lembro exatamente o ano em que ele chega – começa a se explicitar mais claramente a ruptura que, de certo modo, vai ser classificada a partir destas três posições que você me colocou.

378 O que é o primeiro movimento? É o pessoal do Comitê Central, que depois vai ser chamado de centro pragmático, derrotar o prestismo, este é o primeiro movimento. E o segundo vai ser procurar “triturar” aqueles que eram chamados de corrente renovadora. É um movimento complicado, porque um dos eixos desta discussão é o texto do Carlos Nelson – *A democracia como valor universal*. Toda a discussão que se trava então recoloca velhos embates do movimento comunista internacional: democracia proletária, democracia burguesa, democracia formal, democracia substantiva. E o Carlos Nelson tinha posto uma questão muito mais abrangente, que não era um mero mimetismo das teses eurocomunistas, mas foi assim que tentaram desqualificar o Carlos Nelson e, por extensão, desqualificar todo este grupo que havia se organizado em torno da *Voz da Unidade*.

Tudo isso repercute na revista *Temas*. Nos dois últimos números, o Chasin sai do Conselho de Redação e ele é ampliado. Além do Marco, do Gildo, do Nelson Werneck Sodré, entramos eu; o Antônio Carlos Robert Moraes; o Wanderley Messias (também se aposentou como titular da USP, da geografia, foi candidato a reitor); o Celso Frederico, que havia feito doutorado sobre consciência de classe; o Carlos Eduardo Jordão Machado, que vinha de Curitiba, de Brasília, para estudar filosofia e que resultaria num excelente livro sobre o Ernest Bloch; o José Paulo Netto, que tinha voltado de Portugal e se aproximara muito do Raul, e que se agrega a esse grupo. Zé Paulo, definitivamente, não era um eurocomunista (a gente brincava que ele era um eurostalinista). Ele era um intelectual muito potente, mas que tinha concepções muito duras. Ele dizia: “ah, vocês não são comunistas...” Aí, respondíamos: “Ah, o Zé Paulo inventou o comunistímetro, algo como um

termómetro, põe embaixo do braço e mede taxa de comunismo. (risos)..." Brincadeiras a parte, ele era muito aberto ao debate e um trabalhador intelectual incansável. Tinha também o Celso Frederico, que tinha publicado um livro sobre a vanguarda operária. Era um pesquisador da USP que também ingressa nesse grupo. Esse era, mais ou menos, o grupo que vai fazer os dois últimos números da *Temas*.

Nessa hora, o Marco Aurélio já está totalmente envolvido com a produção da *Voz da Unidade*. O Gildo, que também atuava como jornalista profissional, havia criado a *Voz da Unidade*, só que ele tinha um grave problema de coração, que lhe impede de dar sequência ao projeto. Ele tinha o coração muito frágil, acaba tendo uma espécie de colapso e é submetido a uma cirurgia. Com isso, é obrigado a se afastar do jornal, e quem passa a editá-lo é o Marco Aurélio. Claro que não sozinho, mas ele torna-se uma figura importante no jornal (e, obviamente, na luta interna).

379 Na *Voz da Unidade*, são publicados textos e entrevistas de intelectuais e artistas que não tinham vínculos com o PCB, como o Caetano Veloso. Por influência do semanário do PCI, *Rinascita*, abre-se espaço para debater temas emergentes aos quais a cultura comunista tradicional dava pouca atenção, como feminismo, a homossexualidade, relações étnico-raciais, juventude, uso de drogas, etc. Ou seja, o jornal expressou nos seus dois primeiros anos um compromisso com o *aggiornamento* político, inclusive em termos temáticos.

A partir do final de 1981, há um recrudescimento da luta interna, de tal forma que a pretensão renovadora e o ideal de se construir um PCB de massa foram sendo abortados. No jornal, são travados duros embates a propósito do congresso que ia ser realizado. Esse processo acabou sendo muito traumático e impediu que a experiência promissora, que permitira reunir um conjunto de forças distintas e gerações intelectuais diferentes em torno de um projeto de renovação teórica e prática, pudesse prosperar no âmbito do PCB. O impulso renovador foi sendo, de certa maneira, tragado pela luta interna, que se tornou cada vez mais radical. Até que, por volta de 1983, um grupo expressivo de São Paulo, mas com ramificações

em todo o país, tomou a decisão de romper com a direção e sair do PCB. Esse movimento de ruptura levou-nos à criação da revista *Presença*.

Marcelo Fontenelle e Silva: Isso tudo foi no contexto da preparação do VII Congresso, certo?

Milton Lahuerta: Exato, no contexto do VII Congresso. Mas, principalmente, dada a virulência que ganha a luta interna, com intervenções nas bases, controle de comitês do partido, desautorização de determinadas posições...

Marcelo Fontenelle e Silva: Não houve uma saída em bloco? Uma saída conjunta?

380 **Milton Lahuerta:** houve uma saída em bloco sim, de certo modo, sob a liderança do David Capistrano Filho, que era a grande liderança política do partido em São Paulo. Ele tinha como uma das suas principais bases de apoio a Oboré, sobre a qual já falei, que garantia uma inserção no movimento sindical. Além disso, tinha grande influência sobre os médicos (muitos desses médicos vão estar na origem do SUS, inclusive), sobre o Comitê dos Jornalistas (onde o Gildo exercia uma liderança), sobre o Comitê dos Professores, onde se abrigava boa parte dos intelectuais (onde o Marco Aurélio mantinha influência). O Marco e o Gildo eram amigos pessoais do David, assim como o Werneck, que vinha a São Paulo para se nutrir dessa dinâmica política e cultural que ele não encontrava no Rio de Janeiro.

Saímos em bloco, neste momento, e uma parte dos que romperam criou a revista *Presença*, a princípio com projeto gráfico do pessoal da Oboré, especialmente do Jaime Prades. E com forte presença no Conselho Editorial da revista do pessoal que se organizava no Comitê dos Professores do PCB. Rapidamente, vai se tornando claro que para o David, o João Guilherme Vargas Neto e o grupo da Oboré, a revista *Presença* era pouco em face da urgência de militância que eles tinham. No mesmo espaço que tinha sido a sede do comitê estadual, na avenida Rebouças, em um prédio que já foi demolido, nós passamos a fazer a revista *Presença* e eles passaram a fazer um jornal chamado *A Esquerda*. Esse jornal era expressão do grupo do David, que radicaliza numa postura maximizadora, com menos

veleidades intelectuais, mais inserção no movimento sindical e com uma pegada de combate. Como Prestes já está derrotado, eles vão disputar, já fora do partido, com o Comitê Central, para afirmar uma posição mais à esquerda, que consideravam necessária à sociedade brasileira. Para eles, o Comitê Central não era visto como um “centro pragmático”, mas sim como um pântano. Essa leitura *ad hoc* – de um centro pragmático que mantém o partido contra as concepções desviantes à esquerda e à direita – acaba sendo muito arrumadinha, muito organizada. À época, as coisas pareciam ser bem diferentes e as posições do CC eram vistas como meras manobras táticas, voltadas para manter posições de ocasião, sem densidade teórica e sem uma visão articulada sobre o país e sobre o mundo.

Marcelo Fontenelle e Silva: Assim a Anita Prestes chama até hoje.

381

Milton Lahuerta: Sim, e foi. Aquilo foi ficando evidente. Para você ter uma ideia, durante a preparação do VII Congresso nós tivemos uma conferência estadual em São Paulo, que foi feita em uma igreja, no salão de uma igreja no Brooklin. Eu e o Tunico fomos como representantes do Comitê dos Professores. O Comitê dos Professores tinha dois representantes nesta conferência. Ali foi apresentada, sob a coordenação do Marco um esboço de declaração, de resolução, para essa conferência estadual, no contexto do congresso. E entre essas coisas se colocava alguns temas, como a questão das mulheres, o feminismo, o tema da homossexualidade, a questão da juventude, da necessidade de compreender o tema das drogas, enfim. Isso foi no início de 1983. Nesse episódio, duas coisas me surpreenderam.

O local, conseguido pelo Wanderley Messias da Costa, que era professor de Geografia na USP, mostrava-se totalmente seguro. Wanderley morava no Brooklin, em São Paulo, que era um bairro de classe média alta bastante tranquilo. Por essa relação de vizinhança, ele sugeriu que se realizasse o encontro numa igreja ali que tinha um salão de festas que nos finais de semana não era usado. Ele alugou o salão, dizendo que era para uma convenção de vendedores ou algo assim (risos). E nos avisou: “Só não pode falar muito alto, brigar...” Aparentemente, estava tudo sob controle, tínhamos tomado todos os cuidados com a segurança. Então, a primeira

coisa que me surpreendeu foi que pouco tempo depois uma parte dos que estavam na conferência, que tinham cargos mais importantes que o meu – eu era o secretário do Comitê dos Professores – foram indiciados pela Lei de Segurança Nacional, inclusive o Marco Aurélio. E, entre outras coisas, havia fotos da conferência estadual. Ou seja, alguém lá dentro tinha fotografado.

382 Quando fomos discutir a proposta de minuta de resolução, o Frei Chico pediu a palavra e colocou o seguinte problema: “Companheiros, quero falar uma coisa para vocês...”. Ele, irmão do Lula, morava no ABC... nós estávamos em um embate com o PT, no sentido de definir quem comandava o movimento sindical, pois ainda não se tinha definido a hegemonia que o PT foi tendo depois. E aí o Frei Chico faz o seguinte comentário: “olha, eu queria dizer para os companheiros que eu gostei muito, queria parabenizar os companheiros que escreveram a resolução... Mas, tem um problema. Olha, esse negócio de homossexualismo – não era nem homossexualidade – lá em São Bernardo, Diadema, Santo André... lá no meio da classe operária é veado mesmo! O Partido Comunista não pode publicar uma coisa dessas, senão nós vamos perder o apoio no movimento sindical e no operariado, o operariado é machista mesmo, é homofóbico, o PT é homofóbico e, portanto, não dá pra por isso aí”. Eu fiquei meio assim... e depois fui falar com ele no intervalo. Ele disse: “você sabe que eu não sou homofóbico, mas não dá. Tem que entender isso...”. E aquilo foi tirado. A resolução final que foi aprovada está publicada num livrinho chamado *O PCB em São Paulo*¹². Lá há vários documentos. Inclusive a resolução do Comitê dos professores, que teve a contribuição de muita gente, mas teve a redação final feita por mim. Acho que é um material interessante para ter uma ideia desse momento. Mas, enfim... as disputas, elas não eram tão claras.

No que se refere à *Presença*, o grupo do David se afasta, o Armênio Guedes permanece como jornalista responsável, mas quem faz a *Presença* é o pessoal mais jovem. Num primeiro momento, o Marco Aurélio Nogueira e eu. Mas, no segundo semestre de 1984, o Marco vai para a Itália fazer pós doutorado e, entre 1984 e 1987, viro editor sem experiência suficiente e acabo fazendo meio na raça, com o

¹² NOGUEIRA, M. A. et al.. (Org.). *O PCB em São Paulo: documentos (1974 -1981)*. São Paulo: LECH, 1981.

apoio esporádico do Marcos Del Roio, do Angelo Del Vecchio, do Alberto Aggio, tendo como secretário de redação o Ricardo Carneiro, que hoje é professor de economia da Unicamp, coordenou o programa econômico de Fernando Haddad em 2018, e que desde aquela época sempre foi uma figura interessante, muito inteligente e bem fundamentado.

Mas, o grande dínamo político da revista é o Werneck, fazendo a articulação entre São Paulo e Rio de Janeiro, e outras partes do país, militando incansavelmente na promoção da publicação. Entre todos nós, o Werneck é quem vai conceber de modo mais político, mais maquiavélico, a importância e o sentido de uma revista como aquela. Ele não é o único que se dedica à revista, mas sem dúvida é quem mais se empenha de manter o empreendimento vivo. Tanto que em 1987, quando entro em uma crise pessoal e o grupo de São Paulo se desagrega, a revista vai para o Rio de Janeiro e a Maria Alice Rezende de Carvalho passa a editá-la. O último número, o 18, inclusive, quem edita somos eu e a Maria Alice. É um número centrado no Gramsci. É de 1992.

383

Marcelo Fontenelle e Silva: minha próxima pergunta seria justamente sobre esse trânsito da revista entre Rio e São Paulo.

Milton Lahuerta: ela vai para o Rio por isso. Não havia mais condições de continuar a fazer em São Paulo. Com a ida do Marco para a Itália, a pouca experiência editorial da maioria dos que compunham o Comitê de Redação, a fragmentação da rede de apoio que dava sustentação econômica à revista, a produção passou a depender demasiadamente do empenho pessoal de algumas poucas pessoas, cada vez com menos recursos. O Flávio Beraldo, que era o dono da Editora Hucitec, ajudou muito nesta época. Por sua longa atividade como editor, Flávio tinha muitos contatos com gráficas e nos consegue um esquema para produzir a revista com baixo custo na gráfica da Tribuna de Santos. Eu ia pra Santos e enquanto os gráficos iam preparando as provas no linotipo, eu ia revisando e diagramando o material para colocar as ilustrações feitas pelos artistas do grupo “Tupinãodá”, especialmente pelo José Carratu, pelo Jaime Prades e pelo Milton Sogabe.

Bom, isso custou meu casamento e uma crise pessoal fortíssima! Ou a revista ia para o Rio, ou morreria. O Marco estava fora, o Ricardo, sozinho não conseguiria fazer a revista, porque não tinha a experiência editorial prévia que, bem ou mal, eu tinha – da *Temas* e tal. E no grupo mais próximo não havia ninguém com disponibilidade para coordenar esse trabalho. Então, pelo empenho do Werneck a revista foi para o Rio de Janeiro e lá eles montaram uma estrutura mais profissional. Entre 1987 e 1992, fomos muitas vezes (eu, Ricardo Carneiro, João Quartim de Moraes, Marcos Del Roio) ao Rio de Janeiro para discutirmos sua política editorial.

384

Faziam parte desse grupo da *Presença* não somente essa geração mais jovem, mas como o João Quartim de Moraes, professor de filosofia da Unicamp, que tinha sido da luta armada e que volta pro Brasil também no fim dos anos 1970, ingressa no partido e vai se organizar no comitê dos professores. Ele aceitava a minha direção, ainda que fosse muito mais experiente e preparado que eu porque simpatizava com o meu empenho em organizar o trabalho intelectual. Em várias reuniões da *Presença* – chegava a ser meio engraçado –, eu tinha que tirar o João da sala, porque ele e o Werneck começavam a brigar. Os dois eram da mesma geração, leninistas e quadros duros, treinados na adversidade. A diferença é que o Werneck, o tempo todo, pensava a política, a correlação de forças, enquanto o Quartim era mais apegado a princípios revolucionários. Então, virava guerra! Todos estes componentes estavam na revista. E, a despeito das divergências, o João Quartim se manteve vinculado à revista até 1992, quando ela deixou de existir.

Neste momento, 1986-1987, esse grupo que está na revista já não tem mais vínculo com o partido. Uma parte do pessoal que inicialmente estava na revista fica vinculada ao partido, mas a grande maioria sai e se afasta. No partido acabam, em um primeiro momento, ficando o José Paulo, que não fez parte da *Presença*; o Celso Frederico, o próprio Wanderley... Mas a maioria do grupo que faz a *Presença* se afasta do PCB e não vai manter vínculos com o “Centro Pragmático” vitorioso, nem participar do PPS. O PCB tenta viabilizar-se como legenda, inclusive na eleição para a constituinte. O seu melhor quadro em São Paulo, o Alberto Goldman, que tinha sempre sido eleito pelo MDB/PMDB, resolve sair candidato pelo PCB. Na época

mantínhamos vínculos com ele pelo PMDB, mesmo tendo rompido com o Comitê Central, e dissemos a ele: “não faça isso, você vai se arrebentar”. E ele disse: “não posso deixar de fazer isso, sou um judeu comunista, filho de uma família fugida do nazismo e o partido precisa de mim agora”. Nós falamos: “você não vai ser eleito”. E ele não foi eleito. Quem acabou segurando as pontas do Goldman foi o Orestes Quércia, que se elegeu governador em 1986 e o convidou para ser Secretário de Administração.

Marcelo Fontenelle e Silva: professor, em 1986 o Werneck sai candidato. A revista *Presença* se engaja nessa candidatura?

385 **Milton Lahuerta:** Sim, se engaja. Em vários momentos fomos ao Rio para dar apoio a ele. Especialmente eu e o Augusto Luís Rodrigues, que mantínhamos com ele uma ligação mais pessoal. Eu havia me tornado muito amigo do Werneck por conta do mestrado na Unicamp. A gente se conheceu entre 1981 e 1982. E aí ficamos muito próximos. O Werneck vinha do Rio para dar aula em São Paulo na Unicamp. Antes de ir para Campinas ele passava em São Paulo e dormia na minha casa. A gente ia no dia seguinte, lá nós dormíamos na casa do Augusto, que morava perto da Unicamp, e com isto consolidamos uma amizade muito boa. Por esses vínculos, também pessoais, ajudávamos o Werneck, mesmo à distância. Mas a campanha do Werneck, assim como nossa atuação no debate público, também se nutria das ideias da *Presença*, daquele dinamismo intelectual que se expressava na *Presença*. Enfim, esse era o elemento que nos mantinha, de uma maneira ou de outra, próximos.

Mas o que que vai acontecendo aí? Vai acontecendo uma espécie de pulverização do grupo. Do grupo inicial, o Carlos Nelson cada vez mais vai se aproximando do PT. O David Capistrano, por outros caminhos, também se aproxima e vira petista. Leandro Konder vai junto com Carlos Nelson. Ivan Ribeiro morre, em um acidente que já falei, com Marcos Freire. Werneck fica no Rio sem muitos vínculos político-partidários. Ele até sai candidato pelo PMDB, mas ele não tinha vida orgânica. Nós, em São Paulo, vamos tentar manter a vida orgânica com o PMDB, mesmo tendo saído do PCB, naquele momento. Já o Marco Aurélio, quando volta da Itália em

1986, não vai mais ter vínculo partidário. Gildo, que estivera se tratando dos problemas cardíacos, nessa hora, opera uma reconstrução de sua trajetória. O Weffort o convida, em 1986, para fazer sob sua orientação um doutorado em Ciência Política. Pouco tempo depois, o Gildo se torna professor de Ciência Política na USP e na sequência vai fazer um pós doutorado nos EUA. Com isso, se opera uma guinada em sua trajetória intelectual (marcada, inicialmente por uma matriz católica, que, através de Hegel, chega ao marxismo e o comunismo) e ele se torna um cientista político profissional.

386 Nesse momento de elaboração de uma nova ordem constitucional, não havia tanta clareza quanto a esse imperativo profissional que, para a geração de vocês, é muito forte. Permanecia uma crença meio inercial de que era possível permanecer atuando como um híbrido de professor, intelectual, militante, quadro partidário. E a vida foi mostrando, a partir dos anos 1980, que isso seria impossível. Cada vez mais, só haveria lugar para profissionais, fosse no âmbito da universidade – colonizada pela lógica *lattes* –, fosse no da própria política partidária – permeada por uma lógica maximizadora de benefícios. Ou seja, estava se reduzindo o espaço tanto para políticos com densidade cultural quanto para os intelectuais. E foi ficando evidente que estava se fechando a possibilidade tanto para uma vida acadêmica quanto para uma militância que não fossem profissionais. A expectativa que mantivéramos, de que era possível fazer política como intelectual, foi se desfazendo ali, no início dos anos 1990. Não havia mais espaço para isso, ainda que entre os intelectuais do PT ela prosseguisse por mais algum tempo.

Marcelo Fontenelle e Silva: isso justifica o fim da Presença?

Milton Lahuerta: De certo modo, justifica. Inclusive porque também se reduzia o espaço para revistas de opinião, que estavam sendo forçadas a se tornarem periódicos científicos.

Marcelo Fontenelle e Silva: A revista *Presença* parece sintetizar uma série de tensões desse processo, já que é uma revista que conjuga acadêmicos, políticos e intelectuais que transitam entre os dois mundos. Mas esse é um período em que a

universidade está cada vez mais especializada, os intelectuais estão cada vez mais vinculados à universidade e menos vinculados a partidos. Esse me parece um recorte muito interessante para entender como acontece essa tensão.

Milton Lahuerta: Esse é um período em que somos obrigados a nos tornar profissionais e especialistas. Em que se reduz o protagonismo daqueles que falam sobre questões gerais. Cada um vai ter que falar da sua especialidade e com isso deixa de ser um intelectual. Tem uma definição muito interessante do Edgar Morin: “toda vez que os filósofos saem da sua torre de marfim, os cientistas saem dos seus laboratórios, e eles passam a falar sobre questões gerais, eles se tornam intelectuais”. O que estava acontecendo naquela hora? De uma geração que havia se formado com a preocupação de falar sobre problemas gerais, passou-se para um modelo no qual seríamos cada vez mais forçados a atuar no âmbito das nossas especialidades. Nenhuma ambiguidade era possível!

387 Veja, para mim, foi muito duro. Basta pensar que, no meu mestrado, eu entrei de 1981 para 1982, na Unicamp. Inicialmente, quem ia me orientar era o Werneck, que já era meu amigo. Ao final, eu defendi o mestrado em 1991, com a Maria Hermínia, que tinha se tornado minha orientadora quando o Werneck volta pro Rio e, ao final, eu defendi com a orientação formal do Caio [Navarro de Toledo], a quem tive que pedir em cima da hora para que houvesse defesa. Enfim, o que estou dizendo é que hoje seria impensável uma trajetória dessas. Nesse ínterim, dei aula na PUC, de 1979 a 1983. De 1984 até hoje eu estou na UNESP. Entre 1984 e 1985, trabalhei no CEBRAP com o Chico de Oliveira e a Flora Gonçalves, num projeto de acompanhamento da conjuntura social. E, o meu mestrado, eu ia fazendo... entendeu? Não era uma questão de “tem que fazer”, eu não tinha prazo. A pós-graduação era outro mundo. Seria impensável uma situação como essa hoje, provavelmente eu teria feito bem antes, mas como ninguém cobrava, eu ia tocando. O que que acabou acontecendo? Um dia me chegou uma mensagem dizendo que se eu não entregasse até tal dia estava fora. Então entreguei e defendi.

No final dos anos 1980 coincidem os efeitos provocados pelas mudanças no padrão produtivo e tecnológico, a grande transformação institucional expressa pela Carta

de 1988 e a de uma radical metamorfose nas condições de realização do trabalho intelectual. Foi muito duro viver tudo isso, essas mudanças, assim como aceitar que não seria nada simples tentar realizar o ideal de articular ciência e política numa síntese inovadora. Num certo sentido, recolocava-se o vaticínio weberiano: ciência e política, duas vocações. Não haveria mais espaço para a ambiguidade. Os anos 1990 exigiriam muita readequação por parte de quem, socialmente, buscava algo mais na atividade intelectual.

388 Como muitos colegas de geração, tive que me readequar aos novos tempos, estabelecendo nexos mais intensos com a atividade de pesquisa e com as exigências próprias da vida universitária. Mesmo tendo clareza de que o espaço para uma intervenção intelectual na política foi se tornando cada vez mais exíguo, procurei manter participação na vida pública, atuando como um intelectual, como um “organizador da cultura”, com foco na cultura política do país e na educação política das novas gerações. Nesse aspecto, minhas leituras lá de trás, da gênese da minha formação, foram fundamentais. Quer dizer, quando li Gramsci, o que me despertou o interesse foi o tema dos intelectuais, que de certo modo, me vacinou com relação ao dogmatismo e também com relação ao frenesi institucionalista que tomou a Ciência Política nos anos 1990. A preocupação com a questão dos intelectuais me abriu o tema da cultura política.

Na *Presença* n. 6, de 1985, a propósito das eleições municipais em São Paulo, quando Fernando Henrique Cardoso disputa a prefeitura pelo PMDB e perde para Jânio Quadros, publico um artigo que se chama *Cultura Política e Transição – entre a democracia e a barbárie*¹³. Naquela hora, não havia entre nós o debate sobre cultura política, nem na ciência política especializada que se fazia no país. Ainda não havíamos assimilado o livro de Almond e Verba e outros autores que trabalham com a questão da cultura política de forma sistemática. Para falar do que qualificava como sendo a cultura política autoritária do país, inspirei-me em Gramsci, no tema dos intelectuais. No fundo, queria fazer uma advertência: “não se iludam considerando que só com a instauração de uma institucionalidade

¹³ LAHUERTA, M. Cultura política e transição: entre a democracia e a barbárie. *Revista Presença*, Editora Caetés, São Paulo, N°6, 1985.

democrática vamos para a democracia. Estamos diante de uma sociedade composta por Macunaímas hobbesianos, sem nenhum caráter, apetitivos, destituídos de qualquer tipo de preocupação com o público, maximizadores de benefícios”. Era mais ou menos esse o argumento que eu colocava no texto, e que depois fui aprofundando, fui trabalhando academicamente. Mas, naquele momento, era um insight vindo da luta política, da militância intelectual.

Mas para não perder o fio da meada, penso que nos anos 1980 e 1990 as condições para o trabalho intelectual mudaram radicalmente no que se refere a sua interação com o debate público. De certo modo, o tema dos intelectuais sempre inquietou o grupo que se articulou em torno da *Presença*. Já no n.1, o Werneck tem um texto cujo título é exatamente *Problemas de política e organização dos intelectuais*¹⁴.

389

Desde 1982, muitas das conversas que passamos a ter quase semanalmente giravam em torno da questão dos intelectuais, pois, ainda que Werneck trabalhasse com o sindicalismo, o fazia de uma perspectiva gramsciana. De minha parte, desde a leitura de Gramsci e a vivência com o grupo de *Temas*, ficara fissurado no tema e na figura do Astrojildo Pereira. Desde o final da graduação já tinha como questão estudar os intelectuais, o meu mestrado seria sobre intelectuais. Nesse contexto, Werneck escreveu esse texto sobre o tema, muito em função de nossas conversas semanais. Conversávamos por duas, três horas sobre teoria, Gramsci, liberalismo, Tocqueville, Stuart Mill, etc... Sempre que acabávamos as reuniões na minha casa, ele vinha dormir lá, antes de ir pra Campinas no dia seguinte, ele falava: “Milton, é muito bom conversar sobre esses temas, articulando o marxismo arejado e a tradição liberal democrática”. É provável que ele nem se lembre disso, mas criamos naquele momento uma amizade que se mantém até hoje.

Marcelo Fontenelle e Silva: O Werneck também é um caso que eu acho que é muito interessante para pensar essa relação, muito por ele ter transitado bastante entre Rio de Janeiro e São Paulo. Na própria literatura sobre a história das ciências sociais, sobre os intelectuais, geralmente se coloca uma oposição entre Rio e São

¹⁴ VIANNA, L. W. Problemas de política e organização dos intelectuais. *Revista Presença*, Editora Caetés, São Paulo, Nº1, 1983.

Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos
Volume 9, Número 1, p. 357-393, janeiro-abril, 2021
<https://doi.org/10.31990/agenda.2021.1.13>

Paulo, principalmente por conta da relação com a política, em que São Paulo seria justamente onde haveria uma maior autonomia dos intelectuais em relação à política. Mas eu acho que essa oposição precisa ser matizada, ser trabalhada de forma menos rígida. Eu gostaria de saber como o senhor vê essa relação, esse trânsito da *Presença*, do Werneck Vianna.

390 **Milton Lahuerta:** Eu acho que a figura do Werneck, nesse sentido, é emblemática. O que que o Werneck passava pra nós? Tudo que eu estou dizendo tem que ser bem matizado, posso estar falando algo que se não for bem entendido parece uma barbaridade. Passava para nós, em primeiro lugar, a debilidade do debate intelectual no Rio de Janeiro nos anos 1970 vis-à-vis a realidade de São Paulo. Não é à toa que o Werneck vem fazer o doutorado na USP. Onde tinha doutorado? Muitos da geração dele e anteriores se formaram na USP. De outra, havia a dinâmica da cidade. O Werneck era fascinado por São Paulo. A gente saía pra jantar – em 1982, 1983 – e ele falava: “uma e meia da manhã... olha essa cidade! No Rio de Janeiro está todo mundo dormindo. Você só vai encontrar o pessoal que está nos inferninhos, nas boates. Fora isso, está todo mundo dormindo. Isso aqui não tem no Rio de Janeiro”. São Paulo, já nessa época, tinha aquele slogan da cidade que não dorme. Várias funções giravam madrugada, turno de fábrica, etc. E o Werneck ficava impressionado com isso.

De outra parte, não seria possível um jornal, nessa junção entre política e cultura, intelectuais e militância, não seria possível um jornal como o *Voz da Unidade* no Rio. Em São Paulo, haviam-se criado as condições para fazer um jornal como esse. Do mesmo modo, não daria para ter criado a *Presença* no Rio. Depois, eles fizeram, mas fizeram com um sacrifício muito grande, do grupo de lá – a Maria Alice, o Werneck, o Manuel Palácios, enfim. Mas em São Paulo havia uma rede muito mais abrangente, mas que a luta interna arrebentou. Todos esses artistas que eu tinha trazido para fazer a *Presença*, que comporiam o grupo “Tupinãodá”, vieram por amizade. Isso era muito interessante: uma revista que queria falar de temas novos e que trazia, também, uma juventude que fazia ilustrações, capas diferentes do que se tinha. Tudo isso foi dando um dinamismo muito rico.

Então, eu concordo com você, essa contraposição São Paulo (das instituições, do mercado) e Rio de Janeiro (da política), ela tem que ser bem matizada. É claro que, nos anos 1950, isso era muito mais evidente, até porque o Rio de Janeiro era sede da república. Mas, ao longo dessas décadas, isso foi mudando de caráter. E em São Paulo, naquele momento, havia muito mais capilaridade do ponto de vista da organização da sociedade civil e, também, do ponto de vista da própria possibilidade de os intelectuais participarem da vida pública – mais do que no Rio de Janeiro. O Werneck percebe isso e sua trajetória sintetiza a questão muito bem. Não à toa, em termos intelectuais, ele era um dos grandes dínamos, senão o maior, do grupo renovador.

Marcelo Fontenelle e Silva: Professor Milton, o último tema que eu tinha para trabalhar era esse, sobre a revista *Presença*. Passamos por todas as questões que eu tinha levantado. O senhor teria mais alguma coisa para comentar sobre a relação entre política e os intelectuais neste período ou sobre os renovadores?

391 **Milton Lahuerta:** Olha... em relação aos renovadores, há muita lenda. O que havia, efetivamente, a renovação como tal, como um grupo, ela é fundamentalmente paulista. Não é que sejam só os paulistas. E quando eu digo paulista não falo dos que nasceram em São Paulo, mas de quem estava atuando em São Paulo.

Havia um polo de renovação forte na Bahia, que seria interessante ouvir, mas com outros mecanismos, não tão intensamente intelectuais. Em larga medida alguns vão trilhar caminhos intelectuais, estimulados por aquele movimento de renovação política e teórica. Valeria a pena você ouvir: o Paulo Fábio, que foi orientando do Werneck no IUPERJ, é um baita intelectual, um cara interessante; o Paulo Miguez, que é o vice-reitor da Universidade Federal da Bahia hoje; e o Zulu, que foi presidente da Fundação Palmares, presidente da Fundação Pedro Calmon, na Bahia, que é um negro, nascido na favela do Unhão, arquiteto. Eles fizeram parte do movimento de renovação no fim dos anos 1970, na Bahia.

Em São Paulo, a gente tinha muitos grupos em torno disso. Algumas pessoas que, ao longo da luta interna, vão ficar muito prisioneiros disso que você qualificou

como sendo o centro pragmático - Celso Frederico, José Paulo Netto, o José Antônio Segatto, que é meu amigo até hoje.

Ou seja, o que eu quero dizer é que, dentro do ambiente da renovação, havia posições muito diferentes. Sem dúvida, a figura mais emblemática era o Armênio Guedes. Armênio era uma espécie de elo entre o Astrojildo Pereira – na preocupação com os intelectuais que vinha desde os anos 1940, inclusive, ele trabalha com o Astrojildo na *Revista Estudos Sociais*, que era uma revista do partido nos anos 1950 – e essa geração que vai, inclusive no exílio, participar da assessoria do Comitê Central. Era o Armênio que articulava esse pessoal. E, num certo plano, para a minha geração, ele era uma espécie de patrono. Ele sempre foi uma figura sensacional. Morreu com quase 100 anos. Encontrar o Armênio era um deleite. Sempre foi uma pessoa extremamente afável. Quando o conheci, eu devia ter 26 anos, se tanto, ele tinha 60. E a gente conversava como dois amigos da mesma idade.

392 O núcleo que fizera a Temas é outro eixo interessante, mas também nem todos vão estar no movimento dos renovadores. O Nelson Werneck Sodré morre, mas se não morresse, provavelmente estaria junto com o Comitê Central, com o centro pragmático. Chasin mostrar-se-ia prestista. Marco Aurélio e Gildo, radicalmente renovadores. E, uma parte dos que chegam depois ao Conselho de Redação, Braz José Araújo, José Paulo Netto e Celso Frederico, Comitê Central.

O David Capistrano Filho, sem dúvida, fez parte do movimento renovador e sempre esteve ao lado do grupo de médicos que concebeu o SUS. Contudo, a partir de certo momento, após a ruptura com o PCB, há uma radicalização de suas posições que, de certa maneira, negava sua própria trajetória anterior. Ele vive um drama pessoal que de certa maneira ajuda a explicar isso: o diagnóstico de leucemia no início dos anos 1980. O desafio de uma doença grave, de certo modo, leva-o a tentar colocar o tempo da política no tempo da vida dele, atuando como um quadro da área médica, sem negar sua condição histórica de comunista. Só que, cada vez mais, ligado ao PT. Depois de uma experiência como secretário de saúde em Bauru e em Santos, torna-se prefeito da cidade praiana. Em sua experiência como

secretario da saúde de Santos, desenvolve uma política de enfrentamento da AIDS extremamente interessante. Lamentavelmente, a doença o levou muito cedo.

Então, o que estou querendo dizer é que o movimento renovador foi um compósito de posições e nem sempre as coisas foram tão claras quanto hoje, à distância, nós podemos vislumbrar. É possível dizer que o Comitê Central estar fora do país, num contexto em que aqui havia uma juventude culturalmente curiosa, fruto da modernização intensa promovida pela ditadura, tenha sido um fator fundamental para que determinadas ideias prosperassem. Numa síntese rápida, não quer dizer que não houvesse perspectiva renovadora em outros estados, mas isso não se expressava como algo tão articulado quanto ocorreu em São Paulo, vinculando a dinâmica política e o debate teórico.

393 **Marcelo Fontenelle e Silva:** Perfeito. Estamos aqui com quase duas horas de conversa. Acho que foi muito bom, pois trouxe vários elementos para repensar a definição dos renovadores, a relação entre Rio de Janeiro e São Paulo e, principalmente, a relação entre o grupo de Temas e os comunistas que estavam no exílio. Essas são algumas questões que tem me inquietado. Reitero meus agradecimentos. Muito obrigado.

Milton Lahuerta: É sempre bom conversar e lembrar... a memória pode nos trair, em alguns momentos. Em outros, ela nos leva a ser pouco precisos. Há episódios em que o ano de ocorrência pode estar errado. Mas, seja como for, o eixo da trajetória foi, mais ou menos, esse. Um abraço. Foi um prazer.